

## O ESPAÇO SOLIDARIO: RELAÇÕES DE GÊNERO NO GEFA - PORTO VELHO/RO

### Tema: População, Gênero e Identidade

Adriana Correia de Oliveira  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Geografia – PPGG  
Membro do Grupo de Pesquisa GEPGÊNERO  
Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR  
[Adriana.kant@hotmail.com](mailto:Adriana.kant@hotmail.com)

Ana Paula Bezerra Schaefer  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Geografia – PPGG  
Membro do Grupo de Pesquisa GEPGÊNERO  
Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR  
[Anaschaefer.geo@gmail.com](mailto:Anaschaefer.geo@gmail.com)

Kelyany Oliveira Castro de Góes  
Mestranda do Programa de Pós-Graduação de Geografia – PPGG  
Membro do Grupo de Pesquisa GEPGÊNERO  
Fundação Universidade Federal de Rondônia – UNIR  
[Kelyany\\_ro@hotmail.com](mailto:Kelyany_ro@hotmail.com)

### Resumo:

O presente artigo tem o objetivo de apresentar uma análise de um grupo de mulheres freqüentadoras do Grupo Espírita Francisco de Assis - GEFA, localizado na periferia do município de Porto Velho/RO, identificando as transformações ocorridas neste grupo, e suas circunstâncias no âmbito familiar, escolar, religioso, e o seu papel desempenhado como provedora da família. A pesquisa partiu das experiências vivenciadas de três projetos de extensão desenvolvidos no GEFA pelo Grupo de Estudo e Pesquisa em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero - GEPGÊNERO, em parceria com a Universidade Federal de Rondônia - UNIR – e o Programa Institucional de Bolsa de Extensão Universitária – PIBEX. A partir da abordagem fenomenológica se torna possível uma melhor forma de observar e analisar o espaço vivido da comunidade, no processo metodológico, foi realizado os levantamentos bibliográficos, os trabalhos de campos, e entrevistas. Ao analisar os dados obtidos, chegamos a um perfil dessas mulheres, são mulheres com idade de 35 a 44 anos, a maioria tem de 1 a 3 filhos e são chefes de família, observou-se que as mulheres que participam das atividades do GEFA, estão em processo de empoderamento social, econômico e psicológico.

**Palavra Chave: Gênero; Cidadania; Espaço; Empoderamento.**

### Introdução

Este trabalho nasceu com o projeto de Extensão Universitária *Envelhecendo: construído caminhos para a liberdade*, em parceria com Programa de Pós-Graduação em Geografia (PPGG), o Grupo de Estudo e Pesquisa em Geografia, Mulher e Relações Sociais de Gênero - GEPGÊNERO e a Fundação Universidade Federal de Rondônia - UNIR

A princípio, a meta foi de alfabetizar apenas os idosos. No entanto durante a divulgação do projeto, as pesquisadoras do GEPGÊNERO, perceberam a necessidade de expandir para jovens, adultos, e idosos que tivessem interesse em participar das atividades ofertadas na comunidade

Compreendeu-se por meio das conversas informais que o número de analfabetos era significativo, houve uma resistência na efetivação da matrícula, por parte de algumas pessoas convidadas a participar do projeto. As justificativas eram diversificadas: o trabalho, os cuidados com o lar, a falta de alguém para ficar com os filhos, falta de paciência ou até mesmo, falta de competência, eram as mais utilizadas.

No transcorrer das atividades ressaltávamos as questões relativas à alfabetização, tanto pelo viés da didática como a partir de problemática recente na área da educação, concernentes com atividades desenvolvidas na sala de aula. Um dos pontos debatido aborda a relação família, escola e trabalho considerando que a escola pode realizar a aproximação entre as demais instituições e ser um instrumento facilitador no processo de aprendizagem, ou melhor, um meio de construir atitudes positivas na formação da sociedade.

Nessas discussões, também se fizeram presentes os fatores que podem interferir no sucesso dessa atividade, como os recorrentes conflitos familiares que acontecem no momento das execuções das tarefas durante o processo de aprendizagem. Essa situação conflitante pode proceder tanto em falta de orientação adequada da escola, como também em virtude da desconexão das atividades propostas no dia a dia desses alunos. O programa de alfabetização que foi proposto para os participantes, apresentou uma alfabetização construtiva, indagadora e crítica, possibilitando aos educando o acesso não somente aos saberes necessários ao domínio da escrita e da leitura das palavras (saberes indiscutivelmente imprescindível à prática alfabetizadora), mas também à liberdade de agir; de realizar suas descobertas; de serem respeitados seus valores, bem como os de seu grupo e as experiências adquiridas no meio social em que vivem. Buscando formar cidadão e cidadãs que lutem pelos seus direitos, uma vez que estes são sujeitos de sua própria história.

### **1. A prática e suas reflexões: sobre extensão universitária**

Neste escrito, a palavra extensão será acrescida à palavra universitária, formando uma expressão lingüística cujo teor a insere no campo semântico de Universidade, carregando-se, assim, dos conteúdos e representações simbólicas que são inerentes a esse ambiente.

As ações desenvolvidas por meio da prática extensionista pelo GEPGÊNERO e a

Universidade Federal de Rondônia – UNIR, bem como as trocas de saberes com a comunidade proporcionou análise centrada na percepção geográfica.

Para uma melhor compreensão do estudo Buscou-se contextualizar o conceito de extensão que foram se reformulando ao longo do trabalho para que, a partir de então, fosse possível estabelecer as bases da análise do *corpus* estudado.

A Extensão Universitária é o processo educativo, cultural e científico que articula o Ensino e a pesquisa de forma indissociável e viabiliza a relação transformadora entre a Universidade e a Sociedade. Paulo freire (1979) em sua obra *Extensão ou Comunicação?* Ressalta que estes termos envolvem ações que, transformando o homem em quase toda “coisa”, negando a esse mesmo homem a capacidade de Ser o que transforma o mundo.

Neste escrito, desenhar um perfil de atuação da Extensão Universitária hoje seria propor novos elementos para a construção de uma política de extensão como instrumentos de desenvolvimentos regional, contribuindo com a geração e ampliação dos espaços sociais econômicos e políticos em favor dos chamados “excluídos” dos processos de desenvolvimentos. O objetivo que permeia esta análise será a de conscientização para as comunidades acadêmicas, quanto à importância de se atravessar os “portões” despertando o potencial gerador de transformações social nas comunidades.

## **2. As experiências no processo de compreensão do espaço e lugar**

A geografia humana tem o propósito de alcançar a compreensão do homem, da sua condição e do meio em que vive. Tenta explicar e entender como as atividades e os fenômenos geográficos revelam a qualidade da conscientização humana. Frequentemente o conceito de espaço se funde com o conceito de lugar. O geógrafo Milton Santos, em sua carreira acadêmica, enfrentou o desafio em desmistificar, e teorizar o real objeto da geografia. Diante das várias acepções que tem o espaço, utilizaremos seu conceito, pois nos dar uma visão expandida, ampla esclarecendo antes de tudo que o espaço é social. Em sua obra *espaço e método* (1992) aborda que espaço não pode ser apenas formado pelas coisas, os objetos geográficos, naturais e artificiais, cujo conjunto nós da a natureza. O espaço é tudo isso, mais a sociedade cada fração da natureza abriga uma fração da sociedade atual. (2006, p.61-62).

Sendo assim necessário se faz explicar que as ações e intervenções humanas são caracterizadas pela ação consciente e lógica, pois se dessa forma não fosse, os animais seriam também considerados autores das transformações ocorridas no espaço.

A cultura é carregada de valores extremamente diversificados, logo parte-se do

pressuposto da importância do estudo da Geografia Cultural, contextualizada em todos os aspectos do cotidiano, nos dias atuais segundo Paul Claval (2001, p. 63) a cultura é indispensável ao indivíduo no plano de sua existência material, pois ela permite sua inserção no tecido social, quando proporciona uma significação à sua existência e a dos seres humanos que o circundam e formam a sociedade da qual se sentem membro.

Para Tuan (1983), o qual se busca da corrente existencialista, explica que as idéias de espaço e lugar não podem ser vistas uma sem a outra, pois a partir da segurança e estabilidade do lugar o ser humano está ciente da amplitude e da ameaça do espaço e vice versa. É no lugar que estão as representações do cotidiano, mais próximo à existência do homem, onde o cotidiano se estabelece, onde a sociedade cria a sua história. Contrapõe-se ao global, mas o ser humano é influenciado e influencia o global na medida em que a dinâmica externa força um maior dinamismo interno.

Consideramos o conceito de lugar neste trabalho como as dimensões que perpassam pelo vivido, pela experiência, sendo o espaço o palco das relações sociais, econômicas, culturais, religiosas e a interação e manifestação dos indivíduos frente à cotidianidade.

Gênero como instrumento teórico de análise, tem sido usado desde 1970 para tratar a questão da diferença sexual. Propagado a partir das pesquisas feministas, os estudos de gênero têm sido uma abordagem essencial para rejeitar o determinismo biológico implícito na identidade O sexual ou na “diferença” entre os sexos. Gênero é questão relacional, seja pela categoria analítica ou pelo processo social, nesta concepção Safiott (1992, p. 151) explica que “o conceito deve ser capaz de captar a trama das relações sociais, bem como as transformações historicamente por elas sofridas através dos mais distintos processos sociais, trama essa nas quais as relações de gênero têm lugar”. Estudar gênero na geografia e sua produção do espaço deve exigir um olhar esmerado ao cotidiano, ao micro social, e aos grupos sociais marginalizados.

### **3. A solidariedade e os caminhos metodológicos**

O universo dessa pesquisa foi o Grupo Espírita Francisco de sAis (GEFA) localizado do Bairro Mariana, Município de Porto Velho/RO. O GEFA é caracterizada como uma instituição de caráter religioso, com o intuito de analisar a cotidianidade, através de experiências e vivências das mulheres que fazem parte do GEFA, buscamos construir uma análise sobre a participação de mulheres, que tinham alguma atividade não estritamente doméstica, na construção do lugar em que vivem, identificando, portanto, suas contribuições

na transformação do espaço. Buscamos na fenomenologia o respaldo para trabalhar nesta pesquisa, investigar sob esta percepção, deve-se a complexidade do estudo, bem como, em parte buscou pelo existencialismo de Tuan para explicar aspectos importante do estudo realizado.

Concernente a abordagem fenomenológica é possível uma melhor forma de observar e analisar o espaço vivido da comunidade. Para melhor discernimento, a respeito da utilização deste como aporte metodológico, é necessário o conhecimento a respeito do conceito de fenomenologia, para isso embasaram-se nos escritos de Merleau-Ponty (1999, p. 1) que a define:

[...] A fenomenologia é também uma filosofia que repõe as essências na existência, e não pensa que se possa compreender o homem e o mundo de outra maneira senão a partir de sua "facticidade". É uma filosofia transcendental que coloca em suspenso, para compreendê-las, as afirmações da atitude natural, mas é também uma filosofia para a qual o mundo já está sempre "ali", antes da reflexão, como uma presença inalienável, e cujo esforço todo consiste em reencontrar este contato ingênuo com o mundo, para dar-lhe enfim um estatuto filosófico. É a ambição de uma filosofia que seja uma "ciência exata", mas é também um relato do espaço, do tempo, do mundo "vividos".

Esta metodologia levou em conta as mulheres como co-participantes do processo de aproximação e abordagem do cotidiano dessa comunidade. O conhecimento dessa realidade advirá do próprio exercício da pesquisa enquanto produção interativa. Segundo Sposito (2004, p. 23) "Para a descrição da realidade pesquisada, busca-se um instrumento intelectual e racional que possibilite esta leitura", o método.

Ressaltamos que a pesquisa para o Geógrafo constitui um ato de observação da realidade do outro, interpretada para a lente do sujeito uma relação com o outro sujeito. Essa interpretação resulta de seu engajamento no próprio objeto de investigação. Sendo assim sua construção geográfica resulta de suas práticas sociais. Trata-se de um movimento da geografia engajada nos movimentos, sejam eles sociais agrários ou urbanos. Portanto no método fenomenológico, o campo é a expressão das diferentes leituras do mundo. É o lugar da observação e da sistematização do olhar do outro daí o método fenomenológico dizer da necessidade de colocar de interação com o sujeito no seu caminhar e pensar com o objeto. Também, buscou-se embasamento na pesquisa qualitativa, pois se acredita que através dessa abordagem seja possível uma melhor compreensão da comunidade.

O processo de aprendizagem foi realizado por etapas I, II e III que foi concretizado na comunidade do bairro Mariana. Tendo como objetivo proporcionar aos educando da

comunidade a compreensão e o domínio da leitura e da escrita, através de elementos concretos, e indissociáveis da realidade social em que estão inseridos, como instrumento de apropriação do saber em favor dos seus interesses e da comunidade, a fim de promover a inclusão social.

Em cada aula era apresentada a metodologia com a qual iria trabalhar bem como a proposta e os objetivos de estudo da ementa metodológica do PRO-CIDADÃO. Nesta hora, ouvir e considerar os pontos de vista dos alunos ajudou bastante para manter um elo de comprometimento entre as partes. A sala de aula, composta por 25 alunos em faixa etária de 22 a 76 anos, mulheres e homens. O material didático utilizado impõe uma dinâmica "alternativa", os alunos trabalhavam em grupo em quase todas as aulas, uma prática que não é comum, nas demais salas de aula. Ao qual, considerando Teberosky (2007), poderia ser caracterizada como construtivista ao procurar valorizar a 'voz' e as idéias dos estudantes e sua participação ativa na construção do conhecimento.

A análise das transcrições das aulas revela que nos primeiros encontros os alunos praticamente não se manifestavam, porém era possível perceber que todos estavam interessados em conhecer o território para perceber como podiam se comportar. O importante é saber que, como em toda relação, no início, são sim estabelecidas algumas regras, que nem sempre são necessárias de serem ditas verbalmente, pois as atitudes e os comportamentos se fazem mais eficazes (FREIRE, 1967).

Na didática utilizada foram pontuados aspectos significativos da pedagogia Freiriana, especialmente no que se refere às etapas do método dialógico (FREIRE, 1996). Por conseguinte optou-se por uma atitude metodológica bastante eclética, com a mescla de vários recursos didáticos que viessem a se adequar à realidade de ensino e que convergisse para os fins planejados – a alfabetização funcional e pragmática jovens, adultos e idosos, o que deu um caráter dialógico, no qual aluno e professor interagiram por meio da troca de experiências (FREIRE, 1987).

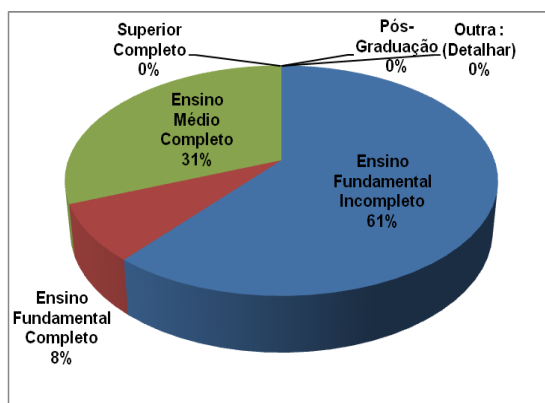
#### **4. Resultados e discussões**

A pesquisa foi realizada no ano de 2011, no entanto, continua tão atual quanto na época. Em visita ao GEFA, em 2014, pode-se observar que as atividades sociais continuam presente e apresentados no site oficial do grupo, o qual é aberto ao público. Oliveira (2012) discursou sobre as mulheres no GEFA o que contribuiu, imensamente, com este estudo, concluindo que quem ensina aprende ao praticar a docência e quem aprende ensina ao

aprender.

Ao analisar os instrumentos aplicados foi caracterizado o perfil desse grupo de mulheres frequentadoras do GEFA no Bairro Mariana (OLIVEIRA, 2012). Um dado interessante é que 61% (Gráfico 01) das entrevistadas justificam o abandono da escolaridade para cuidar dos filhos ou por falta de oportunidade em poder conciliar os estudos com afazeres domésticos e com a jornada de trabalho intensa.

**Gráfico-01 Escolaridade do grupo**



Fonte: Pesquisa de campo realizada em 2011

Esse fator impacta sobre a possibilidade das mulheres gerarem renda fixa maioria sentem se excluída ao direito a educação não adquirindo escolaridade que as habilite a participar de capacitações profissionais futuras, visto que o ensino fundamental não satisfaz a necessidade do mundo do trabalho (PINTO, 2003).

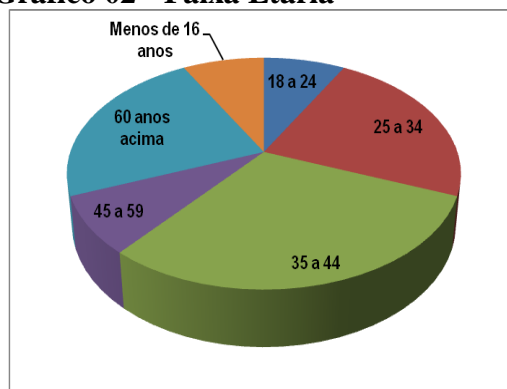
É unânime a expectativa e ter um futuro melhor relatavam que não tiveram a oportunidade de estudar na juventude para algumas o interesse surgiu, com a abertura de uma turma de alfabetização oferecida através do Projeto de Extensão do GEPGENERO/ UNIR. Portanto num país com dimensões continentais como o Brasil nem sempre é fácil chegar até quem precisa ser alfabetizada (ALAMBERT, 2004) a maioria das secretarias de educação não dispõe de estatísticas confiáveis sobre quem são os analfabetos do município.

A universidade oportunizando conhecimento trocando saberes como se conseguiu com alguns alunos. Dos participantes, 16 alunas, que se encontravam cursando a EJA, freqüentaram as oficinas oferecidas pela UNIR, com parceria das pesquisadoras do GPGÊNERO. Procurando desenvolver atividades educativas sendo imprescindível que o homem enquanto ser racional tenha uma disposição nítida a respeito de seus valores e do que quer busca futuramente que as mesmas realizem-se enquanto sujeitos que constroem sua própria história.

No trabalho de análise dos instrumentos aplicados em campo percebeu-se no GEFA um importante espaço de solidariedade. Diante da carência de equipamentos coletivos como creches, as mulheres dependem da solidariedade de parentes, rede de vizinhança, e dos filhos mais velhos, isso muitas vezes acaba limitando a saída da mulher para o trabalho remunerado por falta de ter com quem deixar os filhos menores quando os que estão em idade escolar passam a frequentar a escola.

Verificou-se por meio dos dados da pesquisa mulheres na faixa etária de 35 a 44 por isso uma média de idade produtiva para serem inseridos no mercado de trabalho. Estes dados são melhores representados no gráfico 02.

**Gráfico 02 - Faixa Etária**



**Fonte:** Pesquisa de campo realizada em 2011

A situação de vulnerabilidade desse grupo está associada a sua situação de pobreza diante da má distribuição de renda do país. O rendimento ou renda familiar é um fator importante para o bem-estar e equilíbrio da própria família. Pois é no contexto familiar que são construídos e mantidos laços afetivos de reprodução e própria e se as condições da materialidade da vida não são garantidas esses laços se desestruturam e podem até se romper (NOVAK, 1991).

Importante salientar que esse grupo de mulheres frequentou as oficinas de capacitação onde se procurou incentivar aqueles que têm uma rotina mais árdua. Para isto foram inseridas novas atividades com temas como mercado de trabalho e questões voltadas a sua realidade. Isto significa a intensificação da entrada de algumas no mundo do trabalho. Como o nível de escolaridade entre as mulheres teve um significativo aumento, e isso foi considerado pela equipe de estudo ponto a favor, em um momento de crescente seletividade do mercado de trabalho (OLIVEIRA, 2012).

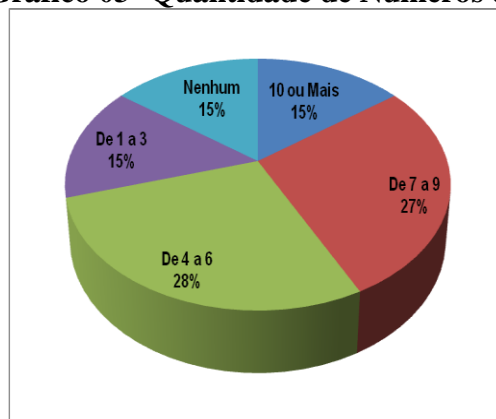
As entrevistadas ao responderem ao questionário aplicado tinham como característica



terem filhos menores de 18 anos a maioria delas se ressentiam diante de sua qualificação profissional, pois citavam que para ter um curso profissionalizante tinham que ter tempo e ainda disponibilizar de dinheiro para pagar as mensalidades é que essa soma não fizesse falta durante o mês.

No Gráfico 03, é possível compreender a questão do quantitativo de filhos por essas mulheres, tendo uma média de 1 a 4 filhos, sendo a maioria dessas, chefes de família.

**Gráfico 03- Quantidade de Números de filhos**



**Fonte:** Pesquisa realizada em 2011

Ao longo das entrevistas as mulheres demonstravam se interessadas ao responderem de maneira detalhada seu cotidiano crescentemente mais desenvolto as respostas dadas. Como regra se orgulhava de participarem das atividades que o GEFA oferece, pois apesar das dificuldades encontradas no lar necessitam de um ponto de apoio para curar as marcas da desigualdade social que e um traço marcante nesta comunidade muito pobre que frutifica quase sempre em indignação perante as injustiças e as esperanças de um futuro melhor (OLIVEIRA, 2012).

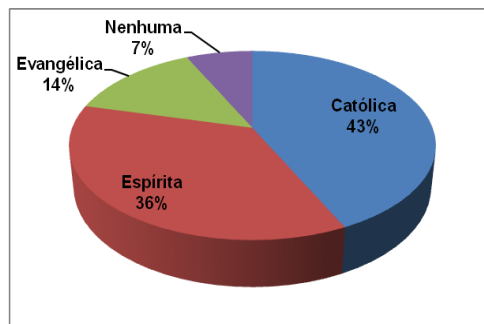
A média de filhos é de 1 a 4 filhos por família indicando vulnerabilidade marcante, por conta não só do número de filhos mais sobre tudo de pouca idade todas como regra, trabalhavam em "bicos", faziam faxina em sua maioria não tem com quem deixar os filhos reclamam a falta de uma creche na comunidade citam criar os filhos sozinhas sem o auxílio de um companheiro todas confirmaram estar passando por dificuldades econômicas e sociais, em particular no que se referia à precariedade do atendimento às necessidades básicas: alimentação, trabalho, moradia, remédios, saúde, educação, vestuário, saneamento, transporte e problemas familiares.

A maior dificuldade encontrada esta na falta de dinheiro, alegaram este problema

seguido da dificuldade de se alimentar e trabalhar. Essas três dificuldades preocupavam a grande maioria das colaboradoras, perfazendo o núcleo mais pesado e indicavam a gravidade da situação de pobreza material, essa condição pareceria insinuar que a luta pela sobrevivência era de tal intensidade, que não estava sequer a tempo para pensar na vida e imaginar soluções alternativas, misturando conformismo com boa vontade de mãe, que apesar de tudo, preferem ver o lado bom das coisas, em particular contarem do que desejam aos seus filhos. Somente uma delas se mostrou cética a tudo; o que de certa forma indicaria que tais mulheres, apesar de tudo, contra tudo e contra todos, não deixam de acreditar que as coisas podem um dia mudar.

No que diz respeito à religiosidade das frequentadoras do GEFA, comprovou-se que a maioria declararam ser Católica Apostólica Romana, como pode ser observado no gráfico 04.

Gráfico 04- Distribuição de Religiosos



**Fonte:** Pesquisa de campo realizada em 2011

Ao indagadas, quanto a sua religiosidade, as mulheres responderam que embora o GEFA seja um centro com a doutrina espírita, elas encontram conforto nesse espaço, um refugio para todas as dificuldades enfrentadas por elas no dia-a-dia, criando um contexto de inovações que leva esse grupo, que muitas vezes se sentem excluídos, buscarem respostas e soluções para seus problemas independentes de sua religião.

A Análise verificou que existem mulheres que frequentam o GEFA há mais de vinte anos. Também se questionou se as mesmas recebiam alguma assistência material da instituição, algumas responderão que sim, outras apenas afirmam: neste “lugar” tem encontrado nas mais diversas formas, expressões de afeto, carinho, sentimentos e uma forma de viver em um espaço que se sentem incluídas e aceitas na comunidade em uma forma de ser de ter uma vida melhor, buscando externar isso com trabalhos voluntários, filantrópicos e variadas faces com o intuito de mudar vida das pessoas não somente no campo espiritual e sim no social.

Portanto a transformação do espaço através do trabalho voluntário de homens e

mulheres, durante mais de duas décadas, resultou num lugar que mais parece o “porto seguro” da comunidade, do que mais uma simples casa que oferece pão e sopa aos necessitados. Percebeu-se que o aconchego encontrado no lugar, a ajuda material, espiritual e moral, satisfaz não apenas essas mulheres, mas, muitas pessoas que ali freqüentam. Obviamente que é um contexto de necessidade diferenciado, mas não deixa de ser importante na vida dos seres humanos tolhidos de oportunidades e possibilidades (DEMO, 2005).

Ao serem questionadas sobre as contribuições que as ações desenvolvidas pela UNIR, contribuíram em sua vida no âmbito social, familiares e profissionais algumas responderam da seguinte maneira:

Quadro 1: Mudanças ocorridas na vida de frequentadoras do GEFA

Frequentadoras do GEFA <sup>1</sup>	Idade	Respostas
A	26	Foi bom porque a gente aprendeu receitas que eu não sabia. Beneficiou-me porque trabalho em uma padaria aqui no bairro mesmo
B	35	Hoje eu tenho a 4ª série e continuo a estudar também aprendi a cozinhar mais para a minha família, pois sabia mexer pouco na cozinha
C	18	Serviu-me pra muita coisa, pois eu não sabia de nada. Nem bolo eu não sabia fazer. Depois pretendo colocar em prática o que aprendi.
D	33	É um aprendizado. Já estou fazendo em casa pras crianças. Eu não sabia nem fritar um ovo direito. Agora trabalho nas usinas parece um sonho já fiz até outro curso
E	24	Eu sonhava com o final do curso arrumar um emprego graças a Deus consegui, pois, eu gosto dessa área. Após o término das receitas eu já queria fazer e praticar pra vê se ficava bom
F	35	Eu aprendi mais. Eu pretendo continuar exercendo e ver se consigo um emprego em uma panificadora ou restaurante

**Fonte:** Pesquisa de campo realizada em 2011

As mudanças ocorridas na vida das mulheres que frequentam o GEFA é elencada por elas de forma que emociona e leva a firmar o conceito dialético-descritivo de Harvey (2013), que fala de um espaço social de esperança, onde as pessoas se realizam enquanto Ser Humano.

Diante desse contexto, Tuan enquanto existencialista desenvolve a idéia de que o espaço e lugar são organizados pela afetividade humana. Essa idéia de conceituação foi encontrada entre o GEFA e as colaboradoras desta pesquisa analisando de maneira superficial e grosseira, essa percepção parece óbvia, por se tratar de uma instituição religiosa. Mas se analisar profundamente nas transformações e nos reais motivos que fizeram com que esse

<sup>1</sup> O nome das frequentadoras do GEFA foram suprimidas e substituídas por Letras do Alfabeto da Língua Portuguesa, por respeito à privacidade das colaboradoras.

grupo de mulheres alimentasse sentimentos profundos por esse lugar, encontrar-se-ia razões além da concepção de lugar sagrado. O autor também afirma que o lugar foi uma área que foi apropriada afetivamente, transformando um espaço indiferente em lugar, que por sua vez implica na relação com o tempo de significados desse espaço em lugar.

### **Considerações Finais**

A geografia humanística e cultural traz uma análise espacial relacionada com o vivido, com sentimento e percepções de identidade. Calcando sua crítica na geografia positivista, valoriza e prioriza a subjetividade, na tentativa de entender as relações dos indivíduos com outros e com lugar.

Na vivência que o significado espaço frequentemente se funde com o de lugar a “sensação” de tempo afeta a sensação de lugar. E nesse sentido que o lugar, as experiências vivenciadas mudança da paisagem temporal, elaborada e construída pela transformação de vida de algumas colaboradoras. O tempo vivido por esse grupo de mulheres emergiu de um passado intocável e, sobretudo do anseio que justificava um futuro melhor.

Este estudo sobre o espaço vivido e o lugar desse grupo de mulheres na geografia humana vem imbuído no desejo de resgatar futuras discussões sobre a importância do papel da mulher e nas transformações no contexto da vida moderna, buscando a inserção entre capacitação e as reações de gênero. Ao tentar responder as indagações iniciais da pesquisa se deparou com um misto de sentimento: alívio satisfação e principalmente mais dúvidas do que certezas. No início da caminhada, tem-se a impressão de que as dúvidas de um trabalho serão respondidas na conclusão do mesmo. No entanto, ledo engano, ao contrário do que se imaginou, as saiu-se com muitas inquietações, talvez, até mais indagações do que quando iniciou-se o projeto, no entanto é isso que estimula o pesquisador, as buscas por trocas de experiências, aprendizados, questionamentos e investigações infinitas.

As questões enfocadas por esta pesquisa permitiram traçar contornos mais nítidos em torno da complexidade de como entender as transformações neste grupo de mulheres frequentadora do GEFA, e suas circunstâncias vivenciadas no âmbito familiar, escolar e o seu papel desempenhado como provedora da família. Estudar e desvendar o dia a dia delas possibilitou trazer a tona a importância do trabalho em grupo, dando a oportunidade de falar de si mesmas dos seus laboriosos dias bem como as dificuldades encontradas.

Ao se utilizar como categoria de análise o espaço vivido possibilitou compreender melhor as relações estabelecidas entre essas mulheres com o GEFA, o que motiva essas

mulheres. Diante do contexto em que vivem encontrou-se inúmeros fatores motivadores. A necessidade, a dependência, o prazer pelo trabalho, a vaidade, os momentos de socialização, a busca pelo alimento material e espiritual o reconhecimento pela autonomia, a satisfação, a liberdade não conseguem dissociar esses motivos que as levam a fazerem parte dessa comunidade, pois eles se complementam. Não se vê a possibilidade de classificar como mais ou menos importantes na vida delas.

Através dessa dinâmica participativa que esse grupo constrói algo novo, que mobilizam, que discutem, que decidem sobre atividades novas ou atividades cotidianas. Dessa forma que dentro das possibilidades alcançáveis que transformam o lugar em que vivem, que recriam que reproduzem, seja através da busca de melhorias para si mesmo ou para a comunidade, seja através de mão de obra desempenhada em benefícios de todos, e ainda pelo respeito conquistado.

A equipe investigativa vê as colaboradoras como sobreviventes de uma trajetória de dificuldades e até violência, de uma vida silenciada e em alguns aspectos invisível. Espera-se alcançar, com esta pesquisa, que no mínimo, haja o despertar de interesse para implantação de projetos com cargas de horários mais extensos que impulse a garantia de participação cidadã das mulheres. Que o grupo seja visto como agentes transformadores, dentro das suas especificidades, do contexto social e político em que vivem. Políticas Públicas que valorizem suas aptidões e habilidades, fomentando meios para igualdade e justiça.

O trabalho realizado com o GEFA foi realizado de forma que proporcionou as pesquisadoras crescimento profissional além do esperado, no entanto, compreende-se de que há muito que percorrer.

Ressaltando que a pesquisa está em continuidade no Programa de Pós – Graduação em Geografia/UNIR, buscando identificar as transformações que ocorrerão com essas mulheres, após a passagem da Universidade na comunidade GEFA analisando os entraves na busca pela sua inserção no mercado de trabalho.

## REFERÊNCIAS

ALAMBERT, Zuleika. **A mulher na história** – a história da mulher. Brasília: Fundação Astrogildo Pereira/FAP: Abaré, 2004.

BORGES, Maristela Corrêa. Da observação participante a participação observante: uma Experiência da Pesquisa Qualitativa. *In*: Pessoa, Vera Lúcia; RAMIRES, Júlio César de Lima. **Geografia e Pesquisa Qualitativa**. Editora Assis, Uberlândia Minas Gerais, 2009.

CLAVAL, Paul. **A Geografia Cultural**. 2ª Edição. Florianópolis: UFSC, 2001.

DEMO, Pedro, Dureza: **Pobreza políticas de mulheres pobres**. Campinas: Autores Associados, 2005.

FARIA, Dóritos Santos de. (Org). **Construção conceitual da extensão universitária na América Latina**. Brasília: Universidade de Brasília, 2001.

FERREIRO, Emilia. **Reflexões sobre Alfabetização**. São Paulo: Cortez, 1985.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

\_\_\_\_\_. **Educação como prática da Liberdade**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1967.

\_\_\_\_\_. **Pedagogia do Oprimido**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

\_\_\_\_\_. **Extensão ou comunicação?** 4. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979

FRÉMONT, Armand. **A Região Espaço Vivido**. Coimbra: Livraria Almedina, 1980.

GEFA, Grupo Espírita Francisco de Assis. **Histórico GEFA**. Disponível em: [http://www.gefaportovelho.org.br/index.php?option=com\\_content&view=article&id=36&Itemid=12](http://www.gefaportovelho.org.br/index.php?option=com_content&view=article&id=36&Itemid=12). Acesso em: 6 jun. 2014.

HARVEY, David. **Espaço de esperança**. São Paulo: Loyola. Acesso em: 2013.

MERLEAU-PONTY, Maurice. **Fenomenologia da percepção**. Trad: Carlos Alberto Ribeiro de Moura: São Paulo, Martins Fontes, 2006.

NOVAK, J. D. **Uma teoria de educação**. São Paulo: Pioneira, 1981.

OLIVEIRA, Correia Adriana. **O espaço e lugar das mulheres no GEFA: Bairro Mariana – PVH/RO 2012**

PINTO, Célia Regina Jardim. **Uma história do feminismo no Brasil**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2003.

SAFFIOTI, Heleieth. Rearticulando gênero e classe social. *In*: COSTA, A. O.; BRUSCHINI, C. (Orgs.) **Uma Questão de gênero**. São Paulo; Rio de Janeiro: Rosa dos Tempos, 1992.

SERRANO, Rosana Maria Souto Maior. **Conceitos de extensão universitária: um diálogo com Paulo freire**. Disponível em: [www.prac.ufpb.br](http://www.prac.ufpb.br). Acessado em: 15 jul. 2012.

Rede Nacional de Extensão Universitária – RENEX, pelo link <http://www.renex.org.br/> (Acessar Documentos - Extensão Universitária: Organização e Sistematização) Acessado em 22 de jan.2015

SILVA, Augusto César Pinheiro da Silva [et al]. **Educação geográfica em foco: temas e metodologias para o ensino básico**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2014.

SILVA, Joseli Maria. Um ensaio sobre as potencialidades do uso do conceito de gênero na análise geográfica. *In: Revista de História Regional*, 2003.

SPOSITO, Eliseu Savério. **Geografia e filosofia**: contribuição para o ensino do pensamento geográfico. São Paulo: UNESP, 2002.

TEBEROSKY, Ana. **Aprender a ler e escrever**: uma proposta construtivista. São Paulo: Artmed, 2007.

TUAN, Yi-Fu, 1930, **Espaço e lugar**: a perspectiva da experiência. Tradução de Livia de Oliveira. São Paulo, Difel, 1983.